



O Culto à Deusa na Índia: Uma Breve História do Desenvolvimento do Śaktismo nos *Purāṇa*

The Indian Cult of the Goddess: A Brief History of the Development of Śaktism in the Purāṇa

Flávia Bianchini*

Resumo: O Śaktismo é uma corrente religiosa que considera a Grande Deusa indiana (*Mahā Devī*, ou *Śakti*) como divindade suprema. Desde a mais remota Antiguidade, encontram-se diversas deusas (*devī*) na tradição religiosa indiana, mas elas possuem papel secundário na literatura sagrada mais antiga. Essa situação muda nas escrituras indianas conhecidas como *Purāṇa*, que demarcam o período cultural da Índia denominado como “Período Purânico”, que começa no início da era cristã. Nesse período, na história da Índia, nascem ou se desenvolvem diversos movimentos devocionais religiosos que adquirem força e influência, redefinindo o Hinduísmo em muitos aspectos. Nesse contexto surge o Śaktismo como um culto independente de adoração à Deusa, ou seja, um culto no qual se enfatiza o princípio feminino como realidade suprema última, com uma filosofia distinta, como um movimento autônomo e reconhecido no panorama religioso hindu. Iremos avaliar e definir a relevância e o papel dos *Purāṇa* na instituição e independência do culto à *Śakti*, no que vem sendo chamado de “cristalização da tradição da Deusa”, um movimento que se completa no *Devī-Bhāgavata Purāṇa*.

Palavras-chave: religião indiana; Śaktismo; Grande Deusa; *Purāṇas*; *Devī-Bhāgavata Purāṇa*; *Śakti*

Abstract: Śaktism is a religious approach that regards the Great Indian Goddess (*Mahā Devī*, or *Śakti*) as the supreme deity. Since the remotest antiquity, one may find many goddesses (*devī*) in the Indian religious traditions, but they have a secondary role in the early sacred literature. This situation changes in the Indian scriptures known as *Purāṇa*, which demarcate the cultural period of India called “Puranic Age”, which starts at the beginning of the Christian era. During this period of the history of India, several devotional religious tendencies are born or gain strength and influence, redefining Hinduism in many ways. In this context arises Śaktism as an independent cult worshipping the Goddess, that is, a cult emphasizing the feminine principle as the ultimate supreme reality, with a distinct philosophy, as an autonomous movement, recognized in the Hindu religious landscape. This paper will evaluate and define the relevance and role of the *Purāṇa* in the founding

* Mestranda em Ciências das Religiões (UFPB); bolsista Capes. flaviabianchini@gmail.com.

and development of the *Śakti* cult, in what has been called the “crystallization of the Goddess tradition” – a process that attains completion in the *Devī-Bhāgavata Purāṇa*.

Keywords: Indian religion; Śaktism; Great Goddess; *Purāṇas*; *Devī-Bhāgavata Purāṇa*; *Śakti*

Introdução

O Śaktismo é a religião indiana cuja divindade central é a *Śakti*, ou seja, a Poderosa, a *Devī* (deusa) suprema. Nessa tradição, a deusa, que é inicialmente apenas uma companheira de *Śiva*, vai adquirindo importância cada vez maior e acaba por ser considerada uma síntese de todas as formas divinas femininas, chegando, depois, a ser considerada como superior às divindades masculinas.

Essa abordagem está presente no Hinduísmo desde o período medieval, mas é difícil determinar quando se estabeleceu. O estudo acerca das origens e consolidação do Śaktismo na Índia, enquanto um culto independente, depara-se com enormes dificuldades por falta de informações históricas em função das características próprias da estrutura de transmissão dos conhecimentos na tradição indiana, pela extensão territorial e pela falta de documentação escrita, entre outros tantos fatores.

Há duas correntes de pensamento acerca da origem do culto a Deusa, uma no qual se atribui suas origens em torno das “deusas das vilas” e outra que recorre às divindades femininas existentes nos *Vedas*¹ e estudo de artefatos arqueológicos que retratam imagens femininas encontrados em diversos sítios arqueológicos, que indicariam um antigo culto da Deusa Mãe em terras indianas.² Estamos ainda longe de ter certeza absoluta sobre a origem desse culto. O que podemos abordar com mais segurança é o período em que se deu a sua *consolidação* de forma independente com base nas escrituras encontradas. Esse é o propósito do presente texto. Abordaremos as fontes escriturais nas quais podemos verificar fatos, mitos, acontecimentos e registros em torno da adoração da deusa na Índia e sua apresentação como sendo a divindade suprema. Daremos principal atenção aos *Purāṇa* e, por isso, faremos uma breve apresentação sobre a estrutura e história destas obras. A culminação do culto à deusa é evidente nos *Purāṇa*, em que encontramos diversas deusas como símbolos do poder, e nos quais ela aparece ocupando uma posição única e central como a Realidade Última, no *Devī Bhāgavata Purāṇa*.

¹ S. RADHAKRISHNAM, *Indian philosophy*, p.63. Os *Vedas* são as quatro escrituras sagradas indianas mais antigas, conhecidas como *R̥gveda*, *Sāmaveda*, *Yajurveda* e *Atharvaveda*, respectivamente.

² P. K. AGRAWALA, *Goddesses in ancient India*, pp.23-38.

Purāṇa

A palavra *Purāṇa* significa “antigo” e é aplicada a textos contendo uma narrativa tradicional cuja origem dificilmente pode ser datada. Existem referências sobre os *Purāṇa* no *Atharvaveda*, nos *Brāhmaṇas* e outras obras muito anteriores à era cristã; mas não é claro se, naquele tempo, eram obras com um conteúdo determinado ou apenas uma tradição indeterminada. Tanto *Itihāsa* quanto *Purāṇa* designam histórias e ambos são mencionados juntos na literatura védica, às vezes separados e, às vezes, como uma palavra composta.³ Atualmente identificamos como *Itihāsa* as obras *Mahābhārata* e *Ramāyana*, distinguindo-as dos *Purāṇa*.⁴

Pushendra Kumar afirma que há menção à existência dos *Purāṇa* em diferentes obras, tais como *Atharvaveda*, *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, *Mahābhārata*, *Ramāyana*, *Gopatha Brahmāṇa*, *Taittirīya Āraṇyaka*, *Chāndogya Upaniṣad*, *Sāṅkhāyana-Śrautasūtra*, *Gautama Dharma Sūtra* e no *Śatapatha Brāhmaṇa*. Somente nos *sūtras* eles aparecem como obras específicas.⁵

Os *Purāṇa* foram transmitidos oralmente durante um longo tempo e a única data que lhes pode ser atribuída é a data aproximada de sua compilação escrita. Os mais antigos parecem datar do primeiro milênio da era cristã, e tradicionalmente atribui-se sua compilação ao sábio Veda Vyāsa.⁶ Esses *Purāṇa* atualmente existentes constituem verdadeiras enciclopédias⁷ e compreendem um vasto corpo de compilações religiosas e culturais contendo narrativas que tratam das origens das coisas e dos mais variados assuntos, como: mitos; histórias; tradições; as interações entre deuses, demônios e seres humanos; a natureza de *Brahman*, de *Īśvara*, do mundo; a relação entre o Eu (*ātman*), o mundo e *Brahman*; a natureza da libertação (*mokṣa*) e os meios para alcançá-la; os ritos, cerimônias e modos de adoração; as genealogias das dinastias reais; a evolução do universo, desde sua criação à destruição, etc. Essas são as características principais de um *Purāṇa*.⁸

Amarasiṃha, em sua definição clássica do termo, em 500 d. C., indicou cinco características (*pañcalakṣaṇa*) para definir uma obra como sendo um *Purāṇa*, a saber: *sarga* (criação), *pratisarga* (dissolução e recriação), *vamśa* (genealogias divinas),

³ E. F. PARGITER, *Ancient Indian historical tradition*, p.35.

⁴ R. K. PRUTHI, *An introduction to Purāṇa*, p.1.

⁵ P. KUMAR, Preface, p.v.

⁶ J. C. B. GONÇALVES, *Dizeres das Antiguidades*, p.37. Distintos questionamentos são realizados sobre o mítico Veda Vyāsa. Algumas fontes sugerem que o nome Vyāsa se refere a um único compilador, outros apontam que esta designação corresponde a vários escritores.

⁷ E. F. PARGITER, *Ancient Indian historical tradition*, p.22.

⁸ P. KUMAR, *The Mahābhāgavata Purāṇa*, pp.19-20.

manvantara (eras dos vários *Manus*), *vamśanucarita* (genealogias dos reis).⁹ Essa caracterização antiga dos *Purāṇa* não leva em conta diversos outros aspectos que vemos nas obras que conhecemos hoje em dia. Praticamente todos os *Purāṇa* escritos no decorrer da era cristã apresentam aspectos devocionais, muito deles num contexto sectário, dando especial atenção às divindades *Viṣṇu* e *Śiva*.

Os *Purāṇa* se apresentam sob a forma de diálogos nos quais um indivíduo, seja ele um *deva* ou um sábio, narra seus conteúdos em resposta às perguntas de um interlocutor, sendo que tais diálogos se entrelaçam com outros que são narrados por algum dos personagens.¹⁰ Essas obras proporcionam conhecimentos sobre muitos aspectos e fases do Hinduísmo, como sua mitologia, processos de culto, teologia, filosofia, festas e cerimônias – de forma mais detalhada do que quaisquer outras obras anteriores ou posteriores.¹¹

Período medieval ou purânico

A tradição indiana não possui um relato cronológico preciso da sua história, sendo difícil determinar exatamente o período dos *Purāṇa*. De acordo com diferentes estudiosos, as datas de composição dessas obras variam bastante, e podem se situar no período entre 400 a. C. até o século XII d. C. ou, mesmo, posterior a isso. Algumas fontes indicam que o início de composição destas obras foi no período Gupta, entre 300 e 600 d. C.

Savitri Dhawan considera que os *Purāṇa* chegaram ao seu ápice em torno de 1.000 d. C., embora o processo de seu desenvolvimento possa ter começado no início da era cristã ou mesmo antes.¹² Mackenzie Brown considera que os primeiros *Purāṇa* datam do período entre 400 a. C. e 400 d. C.¹³ João C. B. Gonçalves sugere os dois séculos antes e após o século X d. C. como sendo o período no qual tais obras adquiriram feição semelhante à que apresentam hoje, tendo em vista que cada um dos *Purāṇa* foi elaborado por gerações de compiladores, tendo distintas partes da mesma obra sido concebidas em diferentes épocas.¹⁴

Os *Purāṇa* mais antigos que conhecemos talvez sejam *Vāyu*, *Mārkaṇḍeya*, *Matsya* e *Viṣṇu Purāṇa*, que podem datar dos séculos II e III d. C.¹⁵ No entanto, Narendra Nath

⁹ R. K. PRUTHI, *An introduction to Purāṇa*, p.2; T. B. COBURN, *Devī Mahātmya: the crystallization of the Goddess tradition*, p.21.

¹⁰ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.x.

¹¹ M. KRISHNAMACHARIAR, *History of classical Sanskrit literature*, p.72.

¹² S. DHAWAN, *Mother goddesses in early Indian religion*, p.86.

¹³ C. M. BROWN, *The Devī Gītā. The Song of the Goddess*, p.7.

¹⁴ J. C. B. GONÇALVES, *Dizeres das Antiguidades*, p. 14.

¹⁵ R. K. PRUTHI, *An introduction to Purāṇa*, p. 128.

Bhattacharyya considera que os *Purāṇa* mais antigos seriam *Vāyu*, *Brahmānda*, *Viṣṇu* e *Bhāgavata*, e como mencionam a dinastia gupta entre as suas dinastias reais, sugere que não teriam sido compilados antes do século IV d. C. O *Vāyu Purāṇa* é mencionado no *Harṣacarita*, sendo, portanto, anterior ao século VII d. C. A mesma consideração vale no caso do *Mārkaṇḍeya Purāṇa*, cuja importante secção – o *Devī Māhātmya* – teve grande influência sobre a composição do *Chāṇḍīsataka* de Bāṇabhaṭṭa e do *Mālatīmādhava* de Bhavabhūti.¹⁶

Mackenzie Brown considera que os *Purāṇa* seriam uma continuação da grande tradição épica,¹⁷ pois muitas vezes narram histórias já encontradas no *Mahābhārata*, o grande épico hindu. Para ele, os *paurāṇikas* – os compositores dos *Purāṇa* – foram influenciados cada vez mais pelos novos movimentos religiosos personalistas, devocionais e teístas, conhecidos como *bhakti*. Considera-se que no período purânico o movimento devocional (*bhakta*) adquiriu grande força e influência, atingindo sua plenitude por volta de 1.200-1.700 d. C., redefinindo e formando em muitos aspectos o Hinduísmo.¹⁸ A atenção dada às batalhas épicas do *Mahābhārata* e *Ramāyana* cedeu espaço a manifestações devocionais e o culto de um grande Deus ou Deusa. Assim, os *paurāṇikas* passaram a incorporar informações detalhadas sobre a adoração ritual dos grandes deuses; elaboração de infinitas listas de locais sagrados de peregrinação; intensas glorificações desses locais sagrados; e elaboração de hinos de louvor para estas grandes divindades.¹⁹ É nesse contexto que, em alguns dos *Purāṇa*, a Grande Deusa ou *Śakti* passa a ser apresentada como a divindade suprema.

A Era Gupta - Influências geográficas e econômicas na expansão do Śaktismo

Vejamos primeiramente qual era a situação do culto à divindade feminina antes do período dos *Purāṇa*. Segundo Narendra Nath Bhattacharyya, uma ideia mais concreta da popularidade do culto a deusa no início da era cristã pode ser formada através de evidências encontradas no *Mahābhārata* (400 a. C. até 400 d. C.). A seção *Thīrta-yātrā* do *Vanaparvan* (*Mahābhārata* III.82) descreve três lugares sagrados associados à deusa – os dois *Yonikuṇḍas* e o *Stanakuṇḍā*²⁰ – e cita os nomes de diversas deusas adoradas em diferentes regiões da Índia. No *Mahābhārata* (III.84.94-95) também há menção ao *Yonidvara*, lugar sagrado no vale de Bhamayoni, em Gaya. O hino *Durgā Stotra* contido no grande épico já apresenta o processo pelo qual a *Devī* adquire seu papel central, pois

¹⁶ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śakta religion*, p.100.

¹⁷ C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p.6.

¹⁸ S. DHAWAN, *Mother goddesses in early Indian religion*, p.85.

¹⁹ C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p.7.

²⁰ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śakta religion*, p.75. Bhimasthana próximo a Pañcananda (Punjab), na colina Udyataparvata e na montanha Gaurīśikhara.

o referido hino (*Mahābhārata* IV.6; VI.23) revela o processo através do qual inúmeras deusas locais são combinadas em um único princípio feminino todo-poderoso. As deusas citadas no *Mahābhārata* e diversas outras deusas, posteriormente, recebem grande atenção nos *Purāṇa*,²¹ sendo também enumerados novos lugares sagrados (*Mātṛ-tīrthas* ou *Devī-tīrthas*), chegando ao número de 108 pontos dedicados à adoração da Deusa espalhados por toda a Índia.

Narendra Bhattacharyya e Madhu Bazaz Wangu fazem inúmeras considerações sobre as influências econômicas e geográficas na expansão do Śaktismo durante a era Gupta (300-700 d. C.). Eles atribuem as mudanças na perspectiva religiosa da Índia e a crescente popularidade do princípio feminino durante esse período às transformações nos padrões sociais decorrentes das novas condições econômicas e ao novo conjunto social que se instituiu, o que, possivelmente, permitiu e fez com que a Deusa Mãe dos agricultores encontrasse caminho para os níveis mais elevados da sociedade sob as condições históricas resultantes da expansão do comércio, do crescimento urbano e da estruturação das classes sociais.²²

As idades gupta e pós-gupta foram caracterizadas por uma sofisticação das crenças e práticas religiosas, pela institucionalização sob a forma do estabelecimento de organizações monásticas e de outras; construção de templos, edifícios e estruturas gigantescas; produção de uma desconcertante variedade de imagens custeadas por generosas doações dos príncipes e da nobreza; elaborado nível de institucionalização, sacerdócio organizado, codificação rígida e sectarismo.²³

Bhattacharyya sugere que, inicialmente, havia um *Śaktismo dependente*: havia cerimônias de culto das imagens de *Viṣṇu*, *Śiva* e das divindades dos budistas e jainistas, junto com suas respectivas consortes, instalados em numerosos templos de proporções magníficas. Essa, aliás, tornou-se uma característica muito importante da vida religiosa, sendo a instalação de tais templos e imagens evidentemente resultantes do desenvolvimento econômico. O culto do princípio feminino estava subordinado ao manto das correntes *vaiṣṇava*, *śāiva*, budista e jainista, e a colocação das deusas ao lado dos deuses de todos esses sistemas, como seus cônjuges e símbolos de sua energia ou *Śakti*, foi importante para o passo seguinte. Essa situação evoluiu para um *Śaktismo independente*, no qual a deusa assumiu papel principal.²⁴

²¹ *Matsya* XXI.31; *Kūrma* I.35.3; *Pādma* I.37.3; *Mahā-Bhāgavata* III.84.94-95; *Pādma* I.38.151. N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p.76.

²² M. B. WANGU, *Images of India goddesses*, p.64; N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p.80.

²³ M. B. WANGU, *Images of India goddesses*, p. 65-68; T. R. TRAUTMANN, *India. Brief history of a civilization*, pp. 72-80.

²⁴ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p.108.

Surgem no período gupta inúmeros templos, inscrições em pilares e cavernas associados à Grande Deusa. Em diferentes partes do país, ela parece ter sido cultuada tanto em seus aspectos individuais quanto coletivamente em um círculo de sete deusas. As inscrições no pilar de pedra em Bihar, do período de Skandagupta, mencionam as mães divinas conhecidas como *Matṛs*.²⁵ A divindade feminina aparece representada em moedas do período gupta, embora seja difícil identificar especificamente qual a deusa representada. São encontrados numerosos sinetes de terracota, em sua maioria pertencente aos períodos gupta inicial e tardio, e em alguns deles, de Bhita, são retratados a deusa *Durgā* e *Śiva*.

Algumas esculturas do período gupta representam as deusas associadas às religiões *vaiṣṇava*, *śaiva*, budista e jainista; retratam as populares deusas dos rios Gaṅga, Yamunā e Sarasvatī; e a imagem mais importante desse período é encontrada em um relevo esculpido na fachada de uma caverna em Udayagiri, perto de Bhilsa, Madhya Pradesh, que mostra a deusa *Durgā* matando o búfalo-demônio *Mahiṣāsura*²⁶ – um tema que será apresentado com mais detalhes em outra seção deste trabalho.

Há esculturas da deusa que mata *Mahiṣāsura* (*Mahiṣamardini*), com oito ou dez braços providos de armas, espalhadas por toda a Índia, e tudo indica que elas se tornaram bastante populares a partir desse período.²⁷ Um templo da deusa *Durgā* foi erguido em Aihole pelos reis Calukya entre os anos 550 e 642 d. C. O principal monumento de Calukya é a série de templos-caverna de Badami, a varanda de pilares que apresenta algumas das melhores figuras da deusa em suas diferentes formas.²⁸ A caverna Rameśvara de Ellora possui um relevo que mostra a deusa de oito braços cortando o pescoço do búfalo-demônio.²⁹ Tudo isso indica que, nos primeiros séculos da era cristã, a divindade feminina já havia adquirido grande importância na Índia.

Mahā-Purāṇa

Tradicionalmente são reconhecidos dezoito *Mahā-Purāṇā*³⁰ e dezoito *Upa-Purāṇa* (uma expressão que significa *Purāṇa secundário*), embora possam ser encontradas

²⁵ T. B. COBURN, *Encountering the Goddess*, p.21; D. PATTANAIK, *Devi. The Mother-Goddess*, pp.80-81.

²⁶ M. B. WANGU, *Images of India goddesses*, p.73.

²⁷ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p. 125.

²⁸ I. PARTHASARATHY & V. R. PARTHASARATHY, *Devi goddesses in Indian art and literature*, pp.104-106.

²⁹ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p.104.

³⁰ G. FEUERSTEIN, *A tradição do Yoga. História, literatura, filosofia e prática*, p.366. Os 18 *Mahā-Purāṇa*: *Brahmā*, *Padma*, *Viṣṇu*, *Agni*, *Vāyu*, *Bhāgavata*, *Nārada*, *Mārkaṇḍeya*, *Bhaviṣya*, *Varāha*, *Skanda*, *Garuḍa*, *Kūrma*, *Brahma-Vaivarta*, *Līṅga*, *Matsya*, *Brahmaṇḍa*, *Vamāna*; mas há listas diferentes.

referências a quase uma centena destes.³¹ A grande maioria dos *Mahā-Purāṇa* exalta as glórias de *Viṣṇu* ou de *Śiva* como sendo os grandes *devas*, nas duas principais correntes devocionais indianas conhecidas como *Vaiṣṇava* e *Śaiva*, respectivamente.

Dentre os muitos *Purāṇa* e *Upa-Purāṇa* conhecidos, encontramos diversas obras em que a *Devī* aparece em destaque, além do grupo de *Śākta Upa-Purāṇa*, no qual ela é a divindade principal. Alguns dos *Mahā-Purāṇa* que fazem referência à Grande Deusa são:

- O *Brahma-Vaivarta Purāṇa*, que dedica a maior parte de seus capítulos à celebração de *Rādhā*, amante de *Kṛṣṇa*, e outras divindades femininas.³² Nessa obra também há o *Prakṛti Kaṇḍha*, que glorifica a Natureza como princípio feminino.³³ O *Prakṛti Kaṇḍha* funciona como uma enciclopédia da deusa, fala sobre seus maiores mitos e fornece uma clara estrutura sobre a unidade de todas as deusas como sendo manifestações da *Prakṛti*.³⁴
- No *Brahmāṇḍa Purāṇa* há um diálogo entre Agastya e *Viṣṇu* (sob sua forma de *Hayagrīva*) em que este lhe comunica os meios de salvação e recomenda o culto de *Para-Śakti*, a deusa suprema. Um dos temas principais da obra é a descrição das façanhas de *Lalitā Devī*, uma forma de *Durgā*, que destrói o demônio *Bhandāsura*. As regras para seu culto também são fornecidas, as quais são, decididamente, de um gênero tântrico *Śākta*.³⁵ Nesse *Purāṇa* encontra-se o importante texto *Śākta* conhecido por *Lalitā Sahasranāma* ou *Srī Lalitā Sahasranāma Stotra*, pertencente ao gênero hindu conhecido como *Sahasranāma* – literalmente, hino dos “mil nomes” – em que são exaltados todos os atributos, nomes, ações e associações de uma divindade. O *Lalitā Sahasranāma*, ou hino dos mil nomes da auspiciosa deusa Lalitā, é amplamente reconhecido por sua beleza e excelência poética, e está intimamente associado a uma outra parte do *Brahmāṇḍa Purāṇa* – o *Lalitopākhyāna* – a grande narrativa da deusa *Lalitā* (aquela que brinca), que exalta os feitos da deusa em sua forma conhecida como *Lalitā Tripurāsundarī* (a bela das três cidades). Com base na evidência textual, acredita-se que esse *Purāṇa* foi composto no sul da Índia entre os séculos IX e XI d. C. O texto opera em vários níveis, contendo referências não apenas às qualidades de *Devī*, mas também revelando concepções filosóficas e práticas esotéricas da *Kuṇḍalinī Yoga* e do *Śrīvidyā*. Todos os nomes e grupo de nomes dentro

³¹ G. FEUERSTEIN, *A tradição do Yoga. História, literatura, filosofia e prática*, p.366.

³² H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.xiii.

³³ S. SANTIDEVA, *Ascetic mysticism. Puranic records of Śiva & Skakti*, p.191.

³⁴ C. M. BROWN, *The triumph of the Goddess: the canonical models and theological visions of the Devī Bhagavata Purāṇa*, p.x.

³⁵ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.l.

do *Sahasranāma* de *Lalitā* são considerados importantes pelos *Śākta*, pelo seu alto valor mântico, sendo muitas vezes prescritos em *sādhanas* ou *prayogas*.³⁶

- O *Agni Purāṇa* possui uma série de capítulos sobre a adoração mística de *Śiva* e *Devī*, sobre como realizar o culto de diversas deusas como *Lakṣmī*, *Gāurī*, etc.³⁷ No *Agni Purāṇa* (LII.16) há uma descrição das armas da deusa, que, de acordo com o contexto e situação mitológica, pode apresentar, nessa obra, 10, 20 ou 18 armas; o texto apresenta também as 9 deusas *Durgā* e suas 16 armas, assim como suas distintas aparências (*Agni Purāṇa* L.3-16); também há referências à forma da deusa *Lalitā* (L.14).³⁸
- O *Varāha Purāṇa* descreve muitas lendas sobre *Śiva* e *Durgā*, bem como a origem das três *Śaktis* ou deusas: *Sarasvatī*, *Lakṣmī* e *Pārvatī* – *Tri-Śakti-Māhātmya*.³⁹ Nos capítulos 21-28 e 90-96 também há conteúdos referentes à deusa.⁴⁰
- No *Vāmana Purāṇa* temos uma narrativa longa do casamento de *Śiva* com *Umā*, e o nascimento de seu filho *Kārttikeya*.⁴¹ Os capítulos 17-21 e 51-56 referem-se à deusa.⁴²
- O *Kūrma Purāṇa* fala da origem das quatro *Śaktis* de *Śiva*: *Maheśvarī*, *Śivā*, *Sātī* e *Haimavatī*.⁴³ Nesse *Purāṇa* a deusa é invocada por 1.000 nomes (I.12), configurando diversas variações locais, elaborações e fusões que caracterizam uma evolução desses novos nomes e formas das deusas.⁴⁴ Existe também o hino *Devī Mahātmya* do *Kūrma Purāṇa* (I.11-12).⁴⁵
- No *Śiva-Purāṇa*, há um capítulo intitulado *Umā Saṁhitā*, que relata a história da deusa e seu casamento com *Śiva*, e também há o *Vāyu Saṁhitā*.⁴⁶
- No *Vāyu Purāṇa* (XXX.38-47), provavelmente composto entre os séculos III e V d. C., há dois relatos sobre o sacrifício de *Sātī* e a destruição do sacrifício de *Dakṣa* – um tema que será descrito mais adiante – e sobre o renascimento de *Sātī* como *Umā* como descendente de *Himālaya*.⁴⁷

³⁶ L. M. JOSHI, *Lalitā-Sahasranāma. A comprehensive study of one thousand names of Lalitā Mahā-Tripurasundarī*, pp.2-12.

³⁷ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.xxxviii.

³⁸ N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, p.126.

³⁹ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.xv.

⁴⁰ S. SANTIDEVA, *Ascetic mysticism. Puranic records of Śiva & Skakti*, p.191.

⁴¹ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.xviii.

⁴² S. SANTIDEVA, *Ascetic mysticism. Puranic records of Śiva & Skakti*, p.191.

⁴³ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.l.

⁴⁴ N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, p.125.

⁴⁵ S. SANTIDEVA, *Ascetic mysticism. Puranic records of Śiva & Skakti*, p.191.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, p. 119.

- No *Matsya Purāṇa* (XIII.12-15), composto provavelmente no século VII d. C., também há uma versão sobre a morte de *Sātī* e a destruição do sacrifício de *Dakṣa*, assim como relatos sobre diversas outras deusas, como *Caṇḍīka* e *Vindhyavasīnī* (CLXXIX).⁴⁸ O *Matsya Purāṇa* (XIII.26-53) enumera 108 nomes e lugares sagrados da deusa e este mesmo texto aparece na descrição das várias manifestações de *Bhadrakāṇīkā* (uma forma da deusa) no *Skanda Purāṇa* (XCVIII.64-92), numa descrição da deusa *Savitṛī* no *Pādma Purāṇa* (XVII.184-211), e também é citado no *Devī-Bhāgavata Purāṇa* (VII.30.55-83), que se refere aos lugares sagrados (*pīṭhas*) associados às diferentes manifestações da deusa.⁴⁹
- Embora encontremos amplo material pertencente a adoração de *Devī* nos demais *Purāṇa*, é no *Mārkaṇḍeya Purāṇa* (cap. 85-93) que encontramos uma das fontes mais importantes dedicadas ao culto de Śakti.⁵⁰ Essa contribuição será apresentada de forma mais detalhada numa próxima seção.

Nos *Mahā-Purāṇa* encontramos em diferentes histórias numerosas deusas locais posteriormente identificadas com a deusa suprema, como a personificação do Princípio Feminino que tudo permeia, considerada a fonte primordial da criação.

Em muitos dos *Maha-Purāṇa* constatamos o crescimento do número de nomes e formas da deusa, o aumento do número de lugares sagrados de adoração (*Maṭṭ-ṭīrthas*, *Devī-ṭīrthas* ou *Śākta-pīṭhas*), a repetição em vários *Purāṇa* das histórias acerca da destruição do sacrifício de *Dakṣa* por *Śiva* em função da morte de sua consorte *Sātī*.⁵¹ Constatamos uma evolução em torno da concepção e mitologia da deusa. Nos *Purāṇa*, muitas deusas locais passam a ser identificadas com a Suprema Deusa, que passa a ser considerada a personificação do Princípio Feminino ativo que tudo permeia, a fonte primordial da criação. Ela passa a ser vista como sendo tudo em todos, a criadora de *Brahmā*, *Viṣṇu* e *Śiva*, sendo todos eles subordinados a ela.⁵²

O *Matsya Purāṇa* afirma que *Devī* pode ser adorada com 108 nomes e em 108 lugares por toda a Índia.⁵³ O capítulo 13 dessa obra declara que ela tudo permeia e sustenta todas as formas, que os devotos desejosos de alcançar a perfeição devem adorá-la em lugares diferentes, por meio de diferentes formas e nomes conforme enumerado no texto. Essa lista é encontrada em alguns outros *Purāṇa* como, por exemplo, no *Pādma*.⁵⁴

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid., pp.124-125.

⁵⁰ S. SANTIDEVA, *Ascetic mysticism*, p.191.

⁵¹ S. BAGCHI, *Eminent Indian Śākta centres in eastern India*, p.1.

⁵² N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, p.119.

⁵³ S. B. DASGUPTA, *Evolution of mother worship in India*, p.38.

⁵⁴ Ibid., p.55.

Considera-se que os mais importantes *Purāṇa* do ponto de vista *Śākta* são o *Mārkaṇḍeya Purāṇa*, *Brahmāṇḍa Purāṇa*, e o *Devī Bhāgavata Purāṇa*,⁵⁵ pois eles se constituem em escrituras-chave no desenvolvimento das concepções centrais do Śaktismo.⁵⁶ É nos *Śākta Upa-Purāṇa* que a glória da deusa é relatada em toda a sua extensão.

Alguns temas mitológicos importantes

O sacrifício de Dakṣa

A evolução e variações encontradas em vários *Purāṇa* sobre a história do sacrifício de *Dakṣa* refletem como ocorreu o desenvolvimento em torno da mitologia da deusa. Essa história aparece pela primeira vez no *Mahābhārata*. Segundo este mito, a *Devī* havia aceitado nascer como filha do *brāhmaṇa Dakṣa* e se tornar esposa de *Śiva*. No entanto, o próprio *Dakṣa* não respeita *Śiva*, que considera como um asceta sujo e estranho, e prefere não manter contato com ele. Em certa ocasião, *Dakṣa* resolve realizar um grande ritual e não convida sua filha nem o genro. Apesar disso, *Sātī* resolve participar dessa celebração e, contrariando a decisão do próprio *Śiva*, vai até lá. No entanto, nessa ocasião, *Dakṣa* insulta *Śiva*, e os convidados também o ridicularizam.⁵⁷ *Sātī* fica tão envergonhada por seu pai que se sacrifica, invocando o fogo sagrado (*Agni*). Imediatamente *Śiva* toma conhecimento do que aconteceu, vai até o lugar do sacrifício de *Dakṣa* e destrói tudo, repleto de fúria, por meio de suas manifestações *Virabhadra* e *Mahākālā*. Depois, coloca nos ombros o corpo de *Sātī* e sai vagando pelo universo, desconsolado, louco de dor. Para interromper essa situação, os *devas* pedem a ajuda de *Viṣṇu*. Este corta o corpo de *Sātī* em pedaços com seu disco; os lugares onde essas partes caem se tornam depois sagradas. Posteriormente, a deusa renasce sob a forma de *Pārvatī*. Essa história foi desenvolvida no *Vāyu*, *Matsya* em outros *Purāṇa*, e principalmente nos *Śākta Purāṇa*.⁵⁸

Śākta-pīthas

Na lenda do sacrifício de *Dakṣa*, os lugares onde caem as partes do corpo de *Sātī* se tornam sagrados, e vão se tornar lugares de peregrinação da *Śakti* (*Śākta-pīthas*) onde são construídos templos em homenagem à *Devī*. Nos textos mais antigos são descritos

⁵⁵ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, pp.20-22. Há controvérsias acerca da classificação do *Devī Bhāgavata Purāṇa* como um *Mahā-Purāṇa* ou um *Upa-Purāṇa*, mas este ponto não será debatido aqui.

⁵⁶ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, pp.163-166.

⁵⁷ S. BHATTACHARJI, *Legends of Devī*, pp.39-41.

⁵⁸ N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, p.119.

poucos desses locais, mas seu número aumenta gradualmente.⁵⁹ O surgimento dos *Śakta-piṭhas* sugere que a adoração de *Śakti* começa a se tornar importante em toda a Índia, com maior concentração em Bengala e Assam.⁶⁰ Nos *Mahā-Purāṇa* considerados mais antigos, o número de lugares sagrados gira em torno de 51, e esse número aumenta para 108 nos *Purāṇa* posteriores. Uma lista completa dos 108 nomes da deusa com as especificações de sua associação com lugares de peregrinação específicos encontra-se pela primeira vez no *Matsya Purāṇa* (XIII.26-53).⁶¹

A mesma informação é apresentada no *Devī Bhāgavata Purāṇa*. Muitos desses lugares estavam associados com deusas locais, mais tarde identificadas com a Deusa Suprema. Variações locais, elaborações e fusões, sem dúvida, caracterizaram a evolução desses novos nomes e formas das deusas.⁶²

A morte do demônio-búfalo Mahiṣa-Asura

Um dos episódios mitológicos que destacam a importância da deusa é o seu combate com o demônio-búfalo *Mahiṣāsura*. É interessante notar que nos *Mahā-Purāṇa* considerados mais antigos esse tema não adquire grande destaque. A ênfase se dá principalmente no *Mārkaṇḍeya*, no *Vamāna* e nos *Śakta Upa-Purāṇa*. Nas versões mais desenvolvidas desse mito, é uma única deusa que, sob diferentes formas e manifestações, destruiu diversos demônios; porém, segundo Bhattacharyya, existiram inicialmente diversas lendas de combate aos demônios, associadas a diferentes deusas, que, mais tarde, foram identificadas com a deusa suprema do *Śakta*.⁶³ Assim, a elaboração desse episódio mítico teria sido um ponto importante no sincretismo e no aumento de importância da *Devī*.

A popularidade da lenda em torno na morte do búfalo-demônio *Mahiṣāsura* pela deusa se verifica pela já citada ampla distribuição de esculturas de *Mahiṣamardini*; a popularidade do conceito da deusa assassina de demônios deve ter adquirido um significado social. Bhattacharyya atribui a expansão desse mito pelo território indiano às mudanças econômicas e mobilidade social. Segundo ele, o povo que constituía a base da sociedade identificou no mito uma representação de sua luta. E, assim, a luta de *Devī* contra os demônios simbolizaria o triunfo final do bem sobre o mal e a libertação da opressão. Haveria assim uma associação mais próxima da Deusa Mãe com as pessoas comuns, com os fatos de sua vida diária. A deusa estaria ligada à vegetação e à fertilidade; seria a produtora da vida e protetora das crianças; a curadora das doenças; a dona do

⁵⁹ L. RENOU, Foreword. In: SIRCAR, D. C. *The Śakta piṭhas*, p.viii.

⁶⁰ U. DEV, *The concept of Śakti in the Purāṇa*, p.16.

⁶¹ D. C. SIRCAR, *The Śakta piṭhas*, p.25.

⁶² N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, pp.124-125.

⁶³ *Ibid.*, pp.121-124.

gado; a guardiã das florestas e da vida selvagem; a doadora do sucesso e fortuna; e removedora das dificuldades de todos os tipos. Essas relações teriam dado uma nova dimensão às lendas purânicas de *Devī*.⁶⁴

O *Devī-Māhātmya*, do *Mārkaṇḍeya Mahā-Purāṇa*

No *Mārkaṇḍeya Purāṇa* (aproximadamente 300-600 d. C.) encontra-se o *Devī Māhātmya* ("Glorificação da Deusa"), uma parte da obra que adquiriu *status* de escritura independente e que descreve os feitos da deusa *Durgā* e sua vitória sobre o demônio-búfalo *Mahiṣāsura*. Parece ter sido composto aproximadamente no século V d. C. É também conhecido como *Durgā Saptasatī* porque contém setecentos versos (*saptasata* = 700), sendo dividido em 13 capítulos (*Mārkaṇḍeya Purāṇa* 81-93). Esse é um dos mais importantes textos do Śaktismo. O *Devī Māhātmya* também é conhecido como *Caṇḍī Māhātmya*, (*Caṇḍī* = a violenta), sendo o principal texto sagrado dos adoradores de *Durgā* no norte da Índia.⁶⁵ Aqui, a deusa *Durgā* se manifesta como *Mahā-Kalī* (Capítulo I), *Mahā-Lakshmī* (Capítulos II e IV), e como *Mahā-Sarasvatī* (capítulos 5 ao 8).⁶⁶

O *Devī Māhātmya* é considerado o livro-texto dos adoradores da deusa conhecida como *Kalī*, *Caṇḍī* ou *Durgā*, em Bengala. Ele é lido diariamente nos templos de *Durgā* e fornece a base do grande festival hindu, o *Durgā puja*,⁶⁷ ou adoração pública daquela deusa.⁶⁸ Nessa obra, a deusa *Durgā* aparece pela primeira vez como divindade central. Na escritura, ela surge da união da energia de todos os deuses e recebe destes todas as suas armas e poderes para salvar o mundo do demônio-búfalo *Mahiṣa-asura*. Este momento é descrito por Heinrich Zimmer do seguinte modo:

Contemplando a mais preciosa personificação da suprema energia do universo, essa maravilhosa fusão da totalidade de seus poderes, os deuses rejubilaram-se venerando-a como a esperança de todos. Nela, "a mais linda donzela das três cidades" (*Tripurā Sundarī*), mulher perene e primordial, todas as forças particularizadas e limitadas de suas várias personalidades estavam integradas de modo poderoso, numa esmagadora totalização que significava onipotência. Com um gesto de total submissão e de abdicação espontânea voltaram suas energias para a *Śakti* primordial, força única e fonte de onde tudo nasceu e teve origem. O resultado foi uma grandiosa renovação do estado original do poder universal.

⁶⁴ S. S. SIVANANDA, *The Devi Mahatmya*, pp.9-10; N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p.105.

⁶⁵ E. A. PAYNE, *The Śaktas*, p.40.

⁶⁶ O. RAHI, *The Devi.*, p.103.

⁶⁷ P. C. GHOSHA, *Durga Puja*, p.xiii.

⁶⁸ H. H. WILSON, *The Viṣṇu Purāṇa*, p.xxxv.

Quando o cosmos desdobrou-se pela primeira vez, em um sistema de esferas e forças diferenciadas de modo estrito, a energia da vida foi dividida numa multidão de manifestações individualizadas. Porém, estas haviam perdido sua força. A Mãe de todas, a própria energia da vida, princípio maternal primevo, as reabsorvera; o útero universal, para onde haviam regressado, as engolira. Agora ela estava pronta para existir na plenitude de todo o seu Ser.⁶⁹

O foco de muitos dos mitos e lendas nas antigas histórias relatadas nos *Purāṇa* gira em torno de eternos ciclos de conflito entre os deuses e demônios, colocando a estabilidade e a prosperidade de todo o universo e da humanidade em desequilíbrio ou à beira de uma grande destruição. O recontar dessas antigas histórias servia para reafirmar a eventual vitória dos deuses e o restabelecimento da ordem cósmica.⁷⁰ Assim como o *Devī-Māhātmya*, o *Devī Bhāgavata Purāṇa* também se insere nesse contexto, pois relata o mito do demônio *Tāraka* e o surgimento da Grande Deusa como geradora dos meios para sua destruição, constituindo um remanescente deste tipo de estrutura mitológica cujo objetivo é o restabelecimento da ordem cósmica.⁷¹

Muitas vezes se considera que o *Devī Māhātmya* marca o nascimento do Śaktismo como um culto independente de adoração à Deusa, ou seja, o culto do princípio feminino como ser supremo, independente e superior às divindades masculinas, com uma filosofia distinta. Geralmente, nos *Maha-Purāṇa*, o princípio feminino aparece ao lado dos *devas* masculinos, dos quais são cônjuges, como símbolo de sua energia ou *Śakti*. Embora esse texto faça parte de *Mahā-Purāṇa*, aqui ela surge como sendo superior aos grandes *devas* da *Trimūrti*: *Brahmā*, *Viṣṇu* e *Śiva*. Todo o período de 550-900 d. C. parece ser permeado por concepções do poder personificado como uma Deusa.⁷² Pela primeira vez, os vários elementos - mítico, cultural e teológico - relativos a diversas divindades femininas começaram a ser reunidos no que tem sido chamado mais recentemente de "cristalização da tradição da Deusa" por Thomas B. Coburn e Chiver Mackenzie Brown.⁷³ Esse texto é de vital importância para avaliar o crescimento do Śaktismo no contexto da história da Índia. De modo geral, foi datado entre os séculos V e VII d. C., mas, segundo M. C. Joshi, a ausência de quaisquer referências a *Gaṇeśa* ou *Gaṇeśanī* sugere que foi composto durante um tempo em que os *brāhmaṇas* ainda não reconheciam *Gaṇeśa* como um *deva*; por isso, o texto deve ser anterior ao século V d. C..⁷⁴

⁶⁹ H. ZIMMER, *Mitos e símbolos na arte e na civilização da Índia*, p.154.

⁷⁰ P. KUMAR, *Śakti and her episods*, p.36.

⁷¹ C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p.6.

⁷² E. A. PAYNE, *The Śaktas*, p.42.

⁷³ T. B. COBURN, *Devī Māhātmya*; C. M. BROWN, *The triumph of the Goddess*, p.2.

⁷⁴ M. C. JOSHI, *Historical and iconographical aspects of Shakta tantrism*, p.46.

Outra consideração importante a se fazer é que, embora o *Devī Māhātmya* seja um texto purânico, nele temos as diversas características de uma obra literária tântrica, na medida em que aí se encontram muito bem desenvolvidos temas relativos à total devoção à Deusa, à realização de sacrifícios com fogo em sua honra, um sistema de *japa* (repetição de *mantras* místicos) dedicado a ela falando sobre oferecimentos diversos que incluem a própria carne e sangue do devoto; e nele há referências à combinação entre o gozo ou prazer (*bhukti*) e a libertação (*mukti*). O texto menciona também a forma tripla do Poder Supremo que, simbolicamente, está baseada nos três *guṇas*: *tamas* (escuridão), *rajas* (poder) e *sattva* (pureza), que são representados, respectivamente, por seus aspectos chamados de *Tamaṣī* ou *Yoganidrā*, *Mahiṣamardinī* e *Sarasvatī*. O *Devī Māhātmya* também contém referências ao grupo de divindades femininas denominadas Mães (*Mātrkāṣ*) e outras formas da Deusa, como *Śākambharī*, *Śivadutī* e *Brahmāṇī*.⁷⁵

Sob o ponto de vista arqueológico, vale citar uma placa de terracota de Bhitarga, provavelmente do período gupta (séculos V e VI d. C.), cuja imagem retrata um episódio do primeiro capítulo do *Devī Māhātmya*, representando a morte dos demônios gêmeos *Madhu* e *Kaitabha*.⁷⁶ O aparecimento, no período de gupta, da Deusa *Durgā* ou *Kātyayānī*, sendo cultuada em seus vários aspectos, também aparece em uma epígrafe de Choti Sadari, que associa a forma de *Śiva Ardhanārīśvara* (metade *Śiva*, metade *Devī*) com o Śaktismo. As inscrições nessa epígrafe não só estão de acordo com o culto *Śākta* posterior, como sugerem uma base para o desenvolvimento do conceito de *kāmakalā* (a tríade *Śakti*, *Śiva* e *Nāda-Brahman*).⁷⁷

A teologia da deusa é cristalizada no *Devī Māhātmya*, que a exalta como a fonte de toda a criação; introduz categorias filosóficas que associa com a deusa, embora não de forma sistemática. Tracy Pintchman aponta que a grande deusa, no *Devī Māhātmya*, é representada de formas que a comparam a *Brahman* – por exemplo, quando é descrita como a realidade final mais elevada –, embora tal identificação não seja feita de forma explícita no texto. Essa associação direta com *Brahman* só vai se dar no *Devī Bhāgavata Purāṇa*. No *Devī Māhātmya*, quando ela se revela, diz-se que ela só parece ter nascido, mas, na verdade, é eterna; que ela, portanto, nunca nasceu, e que ela realmente nunca morre.⁷⁸

A importância dessa obra para o Śaktismo e sua expansão se dá também pela influência que o *Chāṇḍī Māhātmya* teve sobre a produção de outras obras, pois ele se constitui na base do *Chāṇḍī Śataka* de Bāṇabhaṭṭa, uma ode à deusa *Chāṇḍī* (a violenta

⁷⁵ Ibid., pp.47-48.

⁷⁶ T. B. COBURN, *Devī Māhātmya*, p.211.

⁷⁷ M. C. JOSHI, Historical and iconographical aspects of Shakta tantrism, p.48.

⁷⁸ T. PINTCHMAN, *The rise of the Goddess in the Hindu tradition*, p.119.

– um dos nomes de *Durgā*), com uma centena de versos. Bāṇabhaṭṭa era um *brāhmaṇa* da corte do imperador Harṣa do início do século VII d. C.⁷⁹

Upa-Purāṇa

Os *Upa-Purāṇa* são considerados textos secundários em relação aos *Mahā-Purāṇa*. Supõe-se que foram escritos em um período posterior. Os *Upa-Purāṇa*⁸⁰ existentes podem ser divididos em seis grupos, de acordo com as visões sectárias encontradas neles: *Vaiṣṇava*, *Śākta*, *Śaiva*, *Saura* (associados a *Sūrya*), *Gaṇapatya* (associados a *Gaṇeśā*); e também os não sectários. Rajendra Chandra Hazra apresenta a seguinte lista de *Śākta Upa-Purāṇa*:⁸¹ *Devī*, *Kālikā*, *Mahā-Bhāgavata*, *Devī-Bhāgavata*, *Bhagavatī*, *Caṇḍī* (ou *Caṇḍīkā*), *Sātī*, *Devī-Rahasya* e um segundo *Kālikā* (que é também chamado *Kālī* ou *Sātī*) diferente do *Kālikā* mencionado antes.

Nesses *Śākta Upa-Purāṇa*, os conceitos e concepções de *Devī* são desenvolvidos plenamente. Eles elaboram e incrementam as façanhas de *Devī* mencionados nos *Mahā-Purāṇa*, e dão uma imagem dos seus lugares sagrados e das deusas locais que passam a ser identificadas com a Deusa Suprema dos *Śākta*.⁸²

A concepção da deusa, a sua criação a partir da energia de todos os deuses presente no *Devī Māhātmya*, tornou-se popular entre os *Śākta*, que recontam a história de modo mais elaborado nos *Upa-Purāṇa*.⁸³ Assim, nos *Śākta Upa-Purāṇa* surgem inúmeras manifestações e expressões das mais variadas deusas e de suas respectivas iconografias. Essas obras nos fornecem informações importantes sobre a natureza original da deusa, sobre yoga, o método de seu culto, sobre a iconografia, sobre os votos *Śākta* e processos de culto, sobre os lugares sagrados e cerimônias em sua homenagem, bem como descrições de algumas partes da Índia.⁸⁴

A Deusa e a Criação – Cosmogonia

Vamos analisar aqui duas das cinco características (*pañcalakṣaṇa*) que definem uma obra Purāṇica – *sarga* (criação) e *pratisarga* (dissolução e recriação) do universo. O processo de criação nos *Mahā-Purāṇa* geralmente aparece em associação aos três *devas* masculinos. Nesse caso, o Brahman auto-existente se manifestaria em três formas

⁷⁹ E. A. PAYNE, *The Śaktas*, p.41.

⁸⁰ B. SHASTRI, *The Kālikā Purāṇa*, p.9. Há listas similares de 18 *Upa-Purāṇa* no *Kūrma Purāṇa* (I.1.17-23) e no *Garuḍa Purāṇa* (Capítulo 227).

⁸¹ R. C. HAZRA, *Studies in the Upapuranas. Sakta and non-sectarian Upapuranas*, p.1.

⁸² N. N. BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, pp. 123-125.

⁸³ N. N. BHATTACHARYYA, *History of the Śākta religion*, p. 101.

⁸⁴ S. SANTIDEVA, *Ascetic mysticism*, p.191.

– *puruṣa* (consciência), *pradhāna* ou *prakṛti* (natureza) e *kāla* (tempo) e, a partir de *pradhāna*, dar-se-ia o surgimento dos demais níveis da criação. Desse modo, a mais elevada divindade, Brahman, investido com o *guṇa rajas* (o poder da atividade), adquire a forma do *deva Brahmā*, criando todos os seres; investido com o *guṇa sattva* (o poder luminoso), associado ao *deva Viṣṇu*, preserva a criação do universo; e na forma terrível do *guṇa tamas* (o poder da inércia e das trevas), associado ao *deva Rudra* ou *Śiva*, destrói toda a criação. Assim, a criação viria à existência no dia de *Brahman* e teria fim na noite de *Brahman*, quando tudo se recolheria, e toda a natureza criada (*prakṛt*) entraria em um grande processo de dissolução (*namittika-pratisarga*) conhecido como *prakṛta pralaya*, no qual todos os elementos retornariam à sua origem, seriam novamente incorporados à substância primária.⁸⁵

Esses aspectos cosmológicos são desenvolvidos plenamente nos *Śākta-Purāṇa*. Pois até mesmo os processos em torno da criação assumem um viés sectário, e a divindade que é tudo em todos, de onde todas as coisas procedem, e para onde voltam todas as coisas, passa a ser diversificada de acordo com a fonte consultada.⁸⁶ E, nos *Purāṇa*, os vários relatos sobre a criação, manutenção e destruição do Universo surgem associados à divindade principal do respectivo *Purāṇa*.

A criação a partir de uma fonte primária e a dissolução e reabsorção nessa mesma fonte assumiram contornos originais e interpretações novas dentro do Śaktismo. No *Devī Bhāgavata Purāṇa* (I.2.6-8) considera-se que, embora a divindade Brahmā seja denominada como sendo o criador do universo no *Veda* e nos *Purāṇa*, deve-se também considerar o papel da deusa:

Brahmā nasceu de um lótus do umbigo de *Viṣṇu*, sendo assim, então ele não pode criar nada de forma independente. Por sua vez, *Viṣṇu*, de cujo umbigo brotou um lótus onde *Brahmā* nasceu, estava ele próprio deitado no sono *yoga* na cama-serpente no momento do grande dilúvio. Assim, como pode *Viṣṇu* ser concebido como o criador do universo, pois ele mesmo tomou repouso nas mil cabeças de *Śeṣanāga* ou *Ananta*? E o refúgio de *Ananta* era água do oceano *Ekāṇava*. O líquido não pode ficar sem um recipiente. Por isso, é somente a Deusa Mãe que suporta todos.⁸⁷

No *Devī Māhātmya*, a deusa é descrita como essencial para a criação e assume a função dos três papéis cosmogônicos: ela é o criador supremo, a causa eficiente da criação; é a causa material; e ela é a própria criação. Nessa obra não há passagens que

⁸⁵ R. K. PRUTHI, *An introduction to Purāṇa*, pp.6-7.

⁸⁶ P. KUMAR, Preface, p.vii.

⁸⁷ U. DEV, *The concept of Śakti in the Purāṇa*, pp.43-44.

descrevam os processos cosmogônicos em si, mas eles aparecem plenamente desenvolvidos posteriormente, no *Devī Bhāgavata Purāṇa*.⁸⁸

No *Devī Bhāgavata*, a incorporação do feminino se dá sobre os níveis de criação primária e secundária, e o princípio feminino é identificado como a mais alta divindade e realidade última *Brahman* e com os três *devas*, *Brahmā*, *Viṣṇu* e *Śiva*. Ela é identificada como sendo *Brahman* com qualidades (*saguṇa*), manifesto na criação durante o dia de *Brahman*, e também sem qualidades (*nirguṇa*), correspondendo ao *Brahman* imanifesto. Também é consistentemente descrita como *Śakti* (o poder dinâmico em tudo), *Māyā* (a magia) e *Prakṛti* (a Natureza).⁸⁹

Nesse contexto, *Śākta*, a fonte primal de toda a energia, é a Deusa Suprema (*Śakti* ou *Mahā Devī*) que atribui a cada *deva* – incluindo a suprema trindade hinduísta de *Brahmā*, *Viṣṇu* e *Maheśvara* (*Śiva*) – suas respectivas funções. Assim, vemos no Śaktismo o pleno desenvolvimento do conceito da maternidade de Deus, do supremo Ser manifestado em uma forma feminina *Jagat-Janani* (a progenitora ou a mãe do universo), no qual o cosmos-mundo (*jagat*) e todo o universo manifesto, a criação inteira, é resultante da sua manifestação, que, por meio de seu infinito jogo através dos seus poderes, mantém o equilíbrio do universo.⁹⁰

Rajendra Chandra Hazra afirma que as inúmeras disputas sectárias fabricaram diversos tipos de histórias, muitas vezes em conformidade com os princípios filosóficos, para apoiar e divulgar os seus respectivos pontos de vista, e neste caso, o Śaktismo concebeu uma *Devī* central para representar a *Prakṛti* do *Sāṅkhya* e o *Brahman* do *Vedānta* respectivamente, e todos as deusas passaram a ser as suas diferentes formas assumidas em momentos diferentes de acordo com a função ou papel a ser desempenhado.⁹¹

Fenômenos semelhantes ocorreram em outras linhas devocionais. No *Kūrma Purāṇa*, em que *Śiva* é a divindade central, *Brahmā* e *Viṣṇu* são *devas* importantes e de mesmo nível, mas *Śiva* é declarado como o criador, preservador e destruidor do universo, a fonte de *Brahmā* e *Viṣṇu*, identificado a *Brahman*. Por outro lado, no *Viṣṇu Purāṇa* a situação se inverte: é *Viṣṇu* quem é identificado ao *Brahman* imperecível, sendo a causa da criação, preservação e destruição do universo. Os devotos da deusa seguiram uma linha semelhante. As três *Śaktis* associadas à *Trimūrti* foram identificadas entre si e, depois, uma delas foi exaltada como a fonte de tudo e como correspondente a *Brahman*. Desde o período do *Mahā-Bhārata*, *Sarasvatī* e *Lakṣmī* já tinham ficado em segundo plano em relação a *Umā-Pārvaṭī-Durgā*, a companheira de *Śiva*. Ela passa a ser chamada de *Devī* – ou seja, “a” Deusa – e é elevada no *Devī Māhātmya* à posição de

⁸⁸ T. PINTCHMAN, *The rise of the Goddess in the Hindu tradition*, p.120.

⁸⁹ Ibid., p.128.

⁹⁰ B. K. CHATURVEDI, *Devī Bhagwat Purāṇa*, pp.7-10.

⁹¹ R. C. HAZRA, *Studies in the Upapuranas*, p.26.

divindade mais elevada, sendo descrita pelo próprio *Brahmā* como a criadora, sustentadora e destruidora do universo.⁹² O passo seguinte foi identificá-la a *Brahman*, o que ocorre de forma clara no *Devī Bhāgavata Purāṇa*.

Devī Bhāgavata Purāṇa

Dentro desse crescente movimento devocional, talvez no século XI ocorre a composição do *Devī Bhāgavata Purāṇa*, dedicado exclusivamente à devoção da Deusa, concebida como o poder supremo (*Śakti*) do universo, não estando sujeita a nenhum outro *deva* nem sendo declarada sua consorte. De acordo com a maioria dos autores consultados, o *Devī Bhāgavata Purāṇa* é considerado como um *Upa-Purāṇa*, mas os *Śākta* – adoradores de *Śakti*, da Grande Deusa como o poder supremo, ou realidade última – no entanto, consideram a obra como um dos *Mahā Purāṇa*. Por outro lado, para os *Śākta*, o *Bhāgavata Purāṇa* (que é *Vaiṣṇava*) é considerado um *Upa-Purāṇa*.⁹³ O *Devī Bhāgavata Purāṇa*, também conhecido como *Śrīmad Devī Bhāgavatam*, é um dos mais importantes dentre os *Śākta Purāṇa*. É nele que se encontra o *Devī Gītā*, ou cântico da deusa. Esse *Purāṇa* pode ter sido escrito entre os séculos VI e XIV d. C. Contendo 18 mil versos compostos ao longo de 318 *adhyaṃya* (capítulos) divididos em 12 *skandhas* (livros).⁹⁴ Provavelmente o *Devī Bhāgavata Purāṇa* tenha sido escrito em Bengala, tendo em vista o estilo de sua composição.

O autor do *Devī Bhāgavata Purāṇa* parece bem versado nas escrituras, visto que, ao longo da obra, ele aborda inúmeras outras obras e correntes de pensamento. Ele cita *Sāmaveda*, *Yajurveda*, *Atharvaveda*, *Mahābhārata*, *Kāma Śāstra*, *Śaiva Śāstras*, *Śakti Tantras* e *Dharma Śāstras*. Ele usa conteúdos e passagens da *Kena Upaniṣad*, do *Devī Mahātmya* (*Durgā Saptasatī*) e diversos outros *Gītās* de outros *Purāṇa*. Também demonstra ser um estudioso das escolas *Mīmāṃsā* e *Vedānta*, e da gramática de Pāṇini.⁹⁵ Nesse *Purāṇa*, as histórias são contadas por meio de três diálogos, com três pares de interlocutores. E, como em outros *Purāṇa*, o primeiro par de interlocutores é formado por Sūta, o *sutradhara* (narrador básico) que relata as histórias por meio de perguntas e respostas a Śaunaka e a uma assembleia de sábios. Há um segundo par de interlocutores, formado por Janamejaya e o grande sábio Veda Vyāsa, e o terceiro por Nārada e o sábio Nārāyaṇa, cujo diálogo é contado por um dos pares anteriores.⁹⁶

O *Devī Bhāgavata Purāṇa* reconta os acontecimentos do *Devī Mahātmya* em muito maior extensão e detalhes, como também traz reflexões filosóficas de natureza *Śākta*,

⁹² J. E. CARPENTER, *Theism in medieval India*, pp.283-284.

⁹³ C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p.7.

⁹⁴ S. VIJÑANANANDA, *The Srimad Devī Bhagavatam*, pp.vi-xvi.

⁹⁵ P. KUMAR, Preface, p.x.

⁹⁶ B. K. CHATURVEDI, *Devī Bhagwat Purāṇa*, p.8.

esclarecendo e elaborando a natureza da deusa. O *Devī Gītā* (cântico da deusa), que é a parte mais conhecida do *Devī Bhāgavata Purāṇa*, é um texto fundamental nesse sentido, na medida em que nele ocorre uma mudança em relação à concepção da natureza de *Devī*: nele, a deusa torna-se menos guerreira e mais educadora e consoladora dos seus devotos. O *Devī Gītā* repetidamente sublinha o caráter devocional amoroso da relação com a divindade, ressalta a natureza única e suprema dela e revela todos os ideais devocionais de natureza *bhakti Śākta*.⁹⁷ Assim, a própria deusa se expressa no *Devī Gītā*:

Eu sou a Divindade Manifesta, a Divindade Imanifesta, e a Divindade Transcendente. Eu sou *Brahmā*, *Viṣṇu* e *Śiva*, bem como *Sarasvatī*, *Lakṣmī* e *Pārvatī*. Eu sou o Sol e as estrelas, e também sou a Lua. Eu sou todos os animais e pássaros, e eu também sou o pária e o ladrão. Eu sou a pessoa baixa, de atos terríveis, e a grande pessoa de feitos excelentes. Eu sou mulher, eu sou homem, e eu sou neutra.⁹⁸

No *Devī Bhāgavata Purāṇa* o universo inteiro forma o corpo cósmico de *Devī*, todos os *devas* perdem sua capacidade de ação quando desprovidos de suas respectivas *Śaktis*, tudo se torna inerte e sem vida quando desprovidos dela, que é o Poder (*Śakti*). Nessa obra em particular ela reside em cada uma e em todas as substâncias da natureza. Aqui ela é concebida como o poder primordial, *Ādi-Śakti* (I.8), que reside em *Brahmā* como o princípio da criação, em *Viṣṇu* como o princípio sustentador e em *Śiva* como o princípio destrutivo, e assim permeia todo o espaço e anima todas as coisas deste mundo fenomênico. Diz-se que a deusa imanifesta toma três formas conhecidas como *Mahā-Lakṣmī*, *Mahā-Kālī* e *Mahā-Sarasvatī*, representando os três poderes primordiais do universo (*guṇas*), que são *rajas*, *sattva* e *tamas*, atributos de *Prakṛti* (a Natureza).⁹⁹ *Mahā-Lakṣmī* produz *Brahmā* e *Srī* (também chamada *Lakṣmī*), *Mahā-Kālī* produz *Rudra* (*Śiva*) e *Trayī* (*Sarasvatī*), e *Mahā-Sarasvatī* produz *Viṣṇu* e *Umā* (*Pārvatī*). Da união da *Brahmā* e *Trayī* produz-se o mundo, da união de *Viṣṇu* e *Srī* a sua manutenção e, da união de *Śiva* com *Umā*, advém a sua destruição.

O *Devī Bhāgavata Purāṇa* descreve inúmeros aspectos do culto à deusa, falando sobre *Yoga*, centros psicoenergéticos (*cakras*), devoção, conhecimento espiritual, ética social e pessoal, e os lugares sagrados a serem visitados. Porém, sua característica mais marcante é o modo pelo qual apresenta a deusa como o fundamento do universo e como idêntica a *Brahman*, o Ser Supremo. Podemos listar várias características da *Devī* apresentadas nessa obra: a deusa é descrita como sendo *Nirguṇa* (sem qualidades) e é identificada com *Parabrahman*, o Absoluto supremo; ela é *Mūla-prakṛti* (a Natureza

⁹⁷ C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p. 21.

⁹⁸ *Devī Bhāgavata Purāṇa*, VII.33.13-15. C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p.186.

⁹⁹ N. N BHATTACHARYYA, *The Indian Mother Goddess*, p.125.

primordial) e divide-se a si mesma em *Puruṣa* e *Prakṛti* (consciência e natureza, os dois princípios cósmicos do *Sāṅkhya*); ela é *Mahā-māyā* (a grande Magia) e cria *Viṣṇu*, *Śiva* e *Brahmā* fora de si, permitindo que eles realizem suas funções; ela é a Mãe de todo o universo e a *Śakti* (o Poder) de tudo; ela é tanto dotada de atributos quanto desprovida de atributos, e tem a natureza da consciência universal; ela cria o mundo em sua forma de *Mahā-māyā* ou *Yoga-māyā* (a magia da união) atando os seres ao mundo, e ela mesma os liberta em sua forma de *Brahmavidyā* (o conhecimento de *Brahman*)¹⁰⁰; ela está além dos *guṇas* (os três poderes básicos da natureza, *tamas*, *rajas* e *sattva*); ela é o receptáculo de todas as coisas; ela é a vida (*prāṇa*) dos seres vivos; ela é a *Prakṛti* primordial que permeia os três mundos (*Lokas*), ela é todo o universo móvel e imóvel; ela é *Devī*, ela é *Śakti*, o poder inerente em todos os corpos individuais, divinos ou mortais; ela assume três formas: *Mahā-Lakṣmī*, *Mahā-Sarasvatī* e *Mahā-Kālī*; ela é *Māyā*, composta pelas três qualidades no tempo da criação do mundo, e ela é *Nirākārā* (aquela que não tem forma) ou *Nirguṇa Brahman* (o Absoluto sem qualidades) enquanto libera os indivíduos da escravidão do mundo; ela é eterna, onipresente, sem mudanças, e é alcançada pelo *Yoga*; ela é o refúgio do universo e sua natureza é chamada *Turīya Caitanya* (a quarta forma da consciência); ela é o mais elevado poder primordial; ela é o conhecimento no *Veda*; ela cria o universo e sua natureza é tanto real quando irreal; ela cria, preserva e destrói o universo por meio de seus poderes *rajas*, *sattva* e *tamas*, e absorve tudo em si mesma.¹⁰¹ Todas essas descrições da *Devī*, que a identificam explicitamente a *Brahman*, não têm paralelo em nenhuma obra anterior que tenha chegado até nós.

O *Devī Bhāgavata Purāṇa* é também um marco importante por ser a primeira grande obra teísta *Śākta* de natureza devocional (*bhakti*) em que é enfatizado o aspecto benigno da Deusa – muito diferente da abordagem sanguinária e destrutiva como ela é representada em algumas partes do *Kālikā Purāṇa*, ou da deusa guerreira (*Durgā*) do *Devī Māhātmya*. Essa obra é dedicada à deusa em seu modo icônico mais elevado: como a suprema Governante do Mundo, *Bhuvanēśvarī*, apresentada como uma divindade autônoma, sem qualquer subordinação possível a *Śiva*, estando muito além do nascimento e do casamento. Esse *Purāṇa* é a contribuição mais significativa para a tradição teológica *Śākta* em seu ideal de uma deusa suprema, única e benigna.¹⁰²

¹⁰⁰ S. JYOTIRMAYANANDA, *Mysticism of the Devi Mahatmya.*, pp.28-29.

¹⁰¹ P. KUMAR, Preface, pp.x-xv.

¹⁰² C. M. BROWN, *The Devī Gītā*, p.10.

Considerações finais

Como assinala o estudioso Ushas Dev,¹⁰³ o estudo dos *Purāṇa*, especialmente dos *Śākta Upa-Purāṇa*, tem revelado que as ideias dispersas sobre o conceito de *Śakti* que já estavam presentes no *Veda*, nos épicos *Mahābhārata* e *Ramāyana*, nos *Mahā-Purāṇa* e na literatura clássica e filosófica, foram reunidas e elaboradas e formaram uma seita separada e independente no período em que vieram à existência os *Śākta Upa-Purāṇa*, provavelmente entre os séculos VI e XII d. C.

A popularidade e desenvolvimento do Śaktismo podem ser constatados ao avaliarmos o aumento do número de referências a lugares sagrados dedicados à *Devī*, os *Śākta-pīṭhas*, pela descrição detalhada de rituais, *vratas*, cerimônias dedicados ao culto da Deusa; elaboração e sofisticação das mitologias e iconografia; construção de imagens e templos; elaboração dos princípios filosóficos do culto; e pela composição de *Purāṇa* específicos que tratam da deusa. A conceituação da Deusa como Realidade Última, que tem raízes no *Devī Māhātmya*, adquire forma completa no *Devī Bhāgavata Purāṇa*.

Referências bibliográficas

AGRAWALA, P. K. *Goddesses in ancient India*. Delhi: Abhinav Publications, 1984.

BAGCHI, S. *Eminent Indian Śākta centres in eastern India*. Calcutta: Punthi Pustak, 1980.

BHATTACHARJI, S. *Legends of Devī*. Mumbai: Disha Books, 1998.

BHATTACHARYYA, N. N. *History of the Śākta religion*. New Delhi: Munshiram Manoharlal, 1996.

_____. *The Indian Mother Goddess*. New Delhi: Manohar, 1999.

BROWN, C. M. *The triumph of the Goddess: the canonical models and theological visions of the Devī Bhāgavata Purāṇa*. Albany: State University of New York Press, 1992.

_____. *The Devī Gītā. The Song of the Goddess: a translation, annotation, and commentary*. Delhi: Indian Books Centre, 1999.

¹⁰³ U. DEV, *The concept of Śakti in the Purāṇa*.

- CARPENTER, J. E. *Theism in medieval India*. London: Williams & Norgate, 1921.
- CHATURVEDI, B. K. *Devī Bhagwat Purāṇa*. Delhi: Diamond Books, 2009.
- COBURN, T. B. *Encountering the Goddess. A translation of the Devī Māhātmya and a study of its interpretation*. Delhi: Sri Satguru Publications, 1992.
- _____. *Devī Māhātmya: The crystallization of the Goddess tradition*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2002.
- DASGUPTA, S. B. *Evolution of mother worship in India*. Kolkota: Advaita Ashrama, 2011.
- DEV, U. *The concept of Śakti in the Purāṇa*. Delhi: Nag Publishers, 1987.
- DHAWAN, S. *Mother goddesses in early Indian religion*. Delhi: National Publishing House, 1997.
- FEURSTEIN, G. *A tradição do Yoga. História, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- GHOSA, P. C. *Durga puja*. Delhi: Books for All, 1997.
- GONÇALVES, J. C. B. *Dizeres das Antiguidades – a arquitetura discursiva da literatura sânscrita purânica exemplificada pelo mito da Grande Deusa*. Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- HAZRA, R. C. *Studies in the Upapuranas. Sakta and non-sectarian Upapuranas*. Vol. II. Calcutta: Sanskrit College, 1963.
- JYOTIRMAYANANDA, S. *Mysticism of the Devi Mahatmya. Worship of the Divine Mother*. Delhi: International Yoga Society, 2005.
- JOSHI, L. M. *Lalitā-Sahasranāma. A comprehensive study of one thousand names of Lalitā Mahā-Tripurasundarī*. New Delhi: D. K. Printworld, 2006.

JOSHI, M. C. Historical and iconographical aspects of Shakta tantrism. In: K. A. HARPER; R. L. BROWN (Orgs.). *The roots of the Tantra*. New York: University of New York, 2002, pp.39-55.

KRISHNAMACHARIAR, M. *History of classical Sanskrit literature*. Madras: Tirumalai-Tirupati Devasthanams Press, 1937.

KUMAR, P. *The Mahābhāgavata Purāṇa*. Delhi: Eastern Book Linkers, 1983.

_____. *Śakti and her episodes*. Delhi: Eastern Book Linkers, 1997.

_____. Preface. In: ŚRĪCHANDRA, R. B. *Srīmaddevībhāgavatapurāṇam*. Delhi: Eastern Book Linkers, 2010, vol. 1, pp.iv-xix.

PARGITER, E. F. *Ancient Indian historical tradition*. London: Oxford University Press, 1922.

PARTHASARATHY, I.; PARTHASARATHY, V. R. *Devi goddesses in Indian art and literature*. Delhi: Bharatya Kala Prakashan, 2009.

PATTANAIK, D. *Devi. The Mother-Goddess*. Mumbai: Vakils, Feffer and Simons, 2007.

PAYNE, E. A. *The Śaktas. An introductory and comparative study*. New Delhi: Munshiram Manoharlal, 1997.

PINTCHMAN, T. *The rise of the Goddess in the Hindu tradition*. Delhi: Sri Satguru Publications, 1997.

PRUTHI, R. K. *An introduction to Purāṇa*. New Delhi: UBS Publishers, 2005.

RAHI, O. *The Devi. Shakta cult*. Delhi: National Publishing House, 2008.

RENOU, L. Foreword. In: SIRCAR, D. C. *The Śakta pīṭhas*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2004, pp.vii-viii.

SANTIDEVA, S. *Ascetic mysticism. Puranic records of Śiva & Śakti*. Delhi: Cosmo Publications, 2000.

SHASTRI, B. *The Kālikā Purāṇa*. Delhi: Nag Publishers, 1991. 2 vols.

SIRCAR, D. C. *The Śakta pīṭhas*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2004.

SIVANANDA, S. S. *The Devi Mahatmya*. Uttaranchal: Divine Life Society, 2006.

ŚRĪCHANDRA, R. B. *Srīmaddevībhāgavatapurāṇam*. Delhi: Eastern Book Linkers, 2010. 2 vols.

TRAUTMANN, T. R. *India. Brief history of a civilization*. New York: Oxford University Press, 2011.

VIJÑANANANDA, S. *The Srimad Devī Bhagavatam*. Delhi: Munshiram Manoharlal, 2007.

WANGU, M. B. *Images of India goddesses. Myths, meanings and models*. Delhi: Abhinav Publications, 2003.

WILSON, H. H. *The Viṣṇu Purāṇa*. London: John Murray, 1840.

ZIMMER, H. *Mitos e símbolos na arte e na civilização da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

Recebido: 28/03/2013

Aprovado: 06/05/2013